

LIVROS & REVISTAS

PEREIRA, Nunes. **A casa das minas: contribuição ao estudo das sobrevivências do culto dos voduns, do panteão daomeano, no estado do Maranhão, Brasil.** 2 ed. Petrópolis, Vozes, 1979.

Mais de trinta anos depois de a bibliografia brasileira especializada ter sido enriquecida pela publicação do trabalho original sobre o culto dos voduns mina-jejes na terra de Nina Rodrigues, seu autor, o extraordinário Nunes Pereira, paga a promessa, feita às novas gerações de estudiosos, de reedição ampliada daquela observação analítica sobre as sobrevivências religiosas dos voduns do panteão dos negros daomeanos no seu torrão maranhense.

Tendo passado mais de meio século de sua vida nonagenária e ainda movimentada nas atividades de pesquisador etnológico, aproximado de vultos da Ciência e da Literatura, em nosso País e no Exterior, amigo de poetas, autopsiadores e mercadores de livros, antigo presidente do Instituto de Etnologia e Sociologia e membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico nas plagas amazônicas, imortal pelas Academias de Letras do Maranhão e Amazonas, trota-mundos dos esfuziantes solares parasienses à semi-obscuridade das ocas nas úmidas selvas tropicais, com respeitável obra escrita, abrangendo do decamerão mítico dos autóctones subequatoriais à memória etnodiagnóstica, passando pelo melhor dos estudos sobre o peixe-boi, — Nunes Pereira —, radicado no Alto

de Santa Taresa, divisando de sua biblioteca o golfo guanabarrino, fez aparecer a tão esperada segunda edição de **A Casa das Minas**, pela Vozes, de Petrópolis.

Filiado à Escola de Nina Rodrigues, preparou para a Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia essa contribuição, desde 1942, tendo-a apresentado dois anos depois, sob o entusiasmo daquele baiano das Alagoas que, assistente de seu conterrâneo Estácio de Lima na Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus, partira para o Rio de Janeiro onde tornou-se Mestre da Antropologia Nacional, — Arthur Ramos —, que a consagrou e promoveu sua impressão, sendo, hoje, um daqueles exemplares, raridade entre os especialistas.

Motivado pelas pesquisas afro-americanas de Leo Frobenius, Melville Herskovits e Alfred Métraux, o depoimento foi discutido por Afrânio Peixoto, Édison Carneiro e Edmundo Correia Lopes, que lhe reconheceram logo o mérito científico, como o fizeram Roger Bastide, Leopold Senghor, Gilbert Rouget, Pierre Alexandre e Lévi-Strauss, e também teve a sua parcela de colaboração, confessada por Josué Montello, para **Os Tambores de São Luís**, obra literária relacionada com os negros da velha ilha da baía de São Marcos.

A vetusta casa mina-jeje continua ali, como antes; visitei-a há pouco tempo; mas, desde os primeiros registros, o escritor anotou profusamente seu trabalho. Os interessados, **scholars** ou não, que solicitavam, de há muito, a repu-

blicação foram atendidos através de três centenas de páginas onde estão, além dos seis capítulos da conferência original e da comunicação acessória de Geraldo Pinheiro, às notas complementares, importantes, o apêndice, um caderno iconográfico e os dados bibliográficos.

Aqueles que viam Nunes Pereira recém-chegado de Rondônia, — com sua cabeleira branca e a máscara de velho morubixada, em uma das mesas do Restaurante Lamas, no tão carioca e àquela época ainda não descaracterizado Largo do Machado, tendo ao lado a louríssima Elke, e diante de ambos um cordeiro assado com alcaparras e uma garrafa de Beaujolais —, profligando a aculturação “sifilizada” do brasilíndio, perguntavam: por que teria saído de seus habituais cuidados para com o homem tribal amazônico e a ecologia da hiléia e tratar dos remanescentes culturais dos daomeanos na Atenas Brasileira?

A resposta continua nas páginas do livro: menino ainda, muito antes de ser o grande etnógrafo indiano em que se transformou, foi entregue por sua mãe, D. Felicidade, à proteção do vodum Badé, com suas contas azuis, na casa matriarcal das minas, e, acolá, durante muito tempo, verificou a ritualística jeje, motivo da obra, primeira a realmente tratar dos resquícios da cultura de africanos naquela parte do Brasil.

Nessa linha de seu interesse intelectual, ele, há alguns anos, estive na Bahia, por mais de uma vez, 194

documentando os candomblés daomeanos do Bogum, ainda com sua propecta Mãe-de-Santo Runhó, de quem se fez amigo, e de Cachoeira, estudado, atualmente pelo antropólogo belga Bispo Dom José Cornelys, e verificando as coleções do Museu Estácio de Lima e do Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia.

Também aqui, de outra feita, no Clube Inglês, quando era no Campo Grande, com os amigos Jorge Amado, Pierre Verger, Vivaldo Costa Lima, Antônio Vieira e muitos outros, entre um pirarucu e moqueado e goles de **sapoh**, lançou dois de seus livros.

Quem sabe se, andarilho que é, voltará à Boa Terra, mesmo de passagem até o Maranhão, para o abraço nos amigos e aquela moqueca de que tanto gosta, na praia, preparada enquanto recita Dante em voz alta, sentindo-se no paraíso, e o lançamento local dessa nova edição de **A Casa das Minas?**

Lamartine de Andrade Lima

FIGGE, Horst H. Beitrage zur Kulturgeschichte Brasiliens, unter besonderer Berücksichtigung der Umbanda-Religion und der west-afrikanischen Ewe-Sprache. Berlin, Dietrich Reimer Verlag, 1980 (Contribuições à história cultural do

Brasil, levando-se em consideração especial a religião da umbanda e a língua ewe, da África Ocidental; com 24 fotografias).

A tese central do livro parece, à primeira vista, bastante absurda: o autor sustenta “. . . que a Língua Geral Brasileira, o Tupi, não representa uma língua que se desenvolveu a partir de uma língua indígena, mas sim uma língua de origem africana” (p. 87). “A descoberta de tais ligações, até agora não só desconhecidas mas mesmo inimagináveis” (ibidem), somada a um grande número de falhas óbvias e a sinais de falta de entrosamento do autor em certos aspectos da matéria por ele tratada (cf. p. ex. a designação da “Língua Geral”, “L. G. Brasílica” ou “L. G. Brasileira” como “Língua Geral Brasileira” na citação acima, ou a falta quase total de literatura de lingüística tupi na bibliografia) poderiam fazer desistir de antemão da leitura do livro de Figge e da presente resenha.

Figge, com efeito, argumenta detalhadamente não só no sentido da língua ewe ter uma influência importante e até agora desconhecida na formação da língua brasileira, mas que a “Língua Geral Brasileira, originalmente, era um dialeto ewe” (p. 9). Enquanto o Novo Aurélio só menciona uma só palavra de origem ewe (dialeto fon), **bobó**, o livro aqui resenhado contém centenas que, segundo o autor, penetraram do ewe para o português ou formaram e/ou influenciaram palavras consideradas tupi. Além da origem do tupi diretamen-

te do ewe e/ou de vários dialetos de línguas da África Ocidental, ele ainda considera a possibilidade do tupi e as palavras ewe que correspondem ao tupi tenham como fonte comum uma terceira língua, ainda não determinada. “De qualquer maneira, a grande semelhança entre o tupi brasileiro e o ewe do oeste africano só pode significar que o tupi, originalmente, não era uma língua indígena e sim africana” (p. 108), e que a língua divulgada pelos jesuítas, no Brasil, era, desde o início, um dialeto ewe (p. 120).

À primeira vista parece tratar-se, no caso considerado, de uma aberração gritante. J. Mattoso Câmara Jr. cita uma semelhança estrutural existente, segundo Archibald Hill, entre o latim e o esquimó, “capaz de fazer eriçarem-se os cabelos dos latinistas da velha guarda” (Introdução às Línguas Indígenas Brasileiras, 2ª ed., 1965, p. 88), e muitas das semelhanças e etimologias estipuladas por Figge parecem temerárias, arbitrárias e absurdas. Assim mesmo, grande parte do material apresentado pelo autor alemão poderia ter chance de resistir a exames mais severos e de abrir novas perspectivas na tupinologia, na lingüística e na história cultural brasileiras. Vale dizer também que o próprio autor faz repetidas restrições ao grau de certeza que dá às semelhanças e derivações estabelecidas que ele próprio muitas vezes chama de “possíveis”, “supostas” etc.

As argumentações do autor são tanto de ordem histórica quanto

histórico-lingüística. A primeira parte do seu livro trata dos diferentes tipos de manifestações de "religiões africanas" (as aspas são de Figge) no Brasil, estabelece uma tipologia e examina as origens de espíritos e designações dos cultos. Para grande número de nomes e palavras, o mínimo que se tem que admitir é uma semelhança lingüística extraordinária e modelos de explicação histórico-cultural surpreendentes. Cito, entre os múltiplos exemplos, o **caboclo** como figura de umbanda e/ou candomblé. A origem etimológica do tupi **kari'boka**, "originário do branco", é contraposto às palavras ewe **bo** = "ser glavro", **kló** = "ser descoberto", **kaká** = "Vaticinar" e **boko** = "vate, feiticeiro, médico"; a origem do **preto velho**, figura de candomblé, é atribuída ao ewe **kple tá velía** = "com uma segunda cabeça", significado esse correlacionado com o Exu-de-duas-cabeças; a figura do **Léngua Bogi** é correlacionada com o ewe **legbá** = "uma divindade mã, que faz mal ao homens"; seguem-se muitos outros exemplos e uma lista de mais de uma centena de palavras brasileiras possivelmente originárias do ewe (p. 48-70); a expressão "Quem pode mais (que Deus)" = ewe **ke kpodéma** = "hostilidade respeito o feitiço de proteção; "a segurança da casa" proveniente do ewe **azé-kúraa-sa** = "proteção contra todo feitiço", etc.

À influência do ewe no Brasil corresponderiam palavras ewe derivadas do português, como **okoso** = acaso, **aventé** = avental, **bóyà** =

bóia, **plasi** = prazer, e muitas outras (p. 83-86).

A influência e mesmo a identidade de origem do ewe e do tupi são argumentadas, pelo autor, por uma série de comparações de documentos históricos e de considerações sobre as condições da cristianização dos índios e da criação da Língua Geral. A Doutrina Cristiana, publicada em Madrid em 1659, e as cartas jesuíticas sobre as missões brasileiras oferecem a Figge material para defender a formação da Língua Geral em base do ewe. Serviram como intermediadores os "meninos órfãos" portugueses, considerados por Figge, escudando-se em bons argumentos, como sendo filhos de escravos africanos e que serviram como intérpretes aos padres missionários dos índios, tendo assim tido grande influência na infiltração ou mesmo adoção de dialetos ewe no processo de formação da Língua Geral.

Examinando as palavras e expressão tupi contidas nas cartas jesuíticas editadas por Serafim Leite, o autor chega à conclusão "que no mínimo nada contradiz que "a língua" falada pelos jesuítas, ao lado do português e do latim, era um dialeto ewe . . . e que nenhum texto comprova, sem deixar margem a dúvidas, que "a língua" tenha sido jamais falada por índios (no sentido atual) antes do contato com europeus ou africanos" (p. 111). Sem querer ir tão longe como Figge nas suas conclusões, não se pode deixar de admitir que a argumentação lingüística por ele apresentada mostra uma

grande influência e que até hoje parece desconhecida, das línguas do grupo ewe sobre a formação da Língua Geral e do Português do Brasil.

Johannes Augel

BURCHETT, Wilfred. Grasshoppers & Elephants (Why Vietnã Fill). New York, Ureizen Books, 1977. 265p.

Poder-se-ia fazer uma razoável biblioteca sobre a guerra do Vietnã, em suas fases, francesa e americana. Desde livros clássicos que apresentam a gestação e a eclosão do conflito, como o de Devillers (1), aos testemunhos de figuras principais nas primeiras etapas como Sainteny (2), passando por uma apresentação crítico-jornalista, como toda a obra de Bernard Fall, o livro de Tournaire (3) ou a obra de Halberstan, em sua primeira parte (4), analisando, como jornalista, a crise final do regime de Ngo Din Dhiem, e extrapolando numa segunda fase (5) para apresentar a mecânica do envolvimento americano, visto dos Estados Unidos, a criação dos mitos, a escalada propagandística, psicológica e militar e a intoxicação por seus próprios criadores, das ciladas com que justificavam a progressão da guerra, numa crítica acerba que revela os mecanismos da manipulação do poder do "Es-

tabilishment" norteamericano poupando poucas pessoas desde a administração de Eisenhower até a de Johnson.

Burchett é um jornalista australiano com claras simpatias pelos vietnamitas. Uma guerra que não podia ser vencida sem os riscos da guerra nuclear, o envolvimento da China e o perigo de uma terceira guerra mundial ou, ao menos o compromisso claro de uma declaração formal de guerra e o envio de tropas numerosíssimas para território asiático, sem excluir o risco da escalada das armas a empregar; a recusa de reconhecer uma guerra civil e a tentativa de transformá-la numa guerra entre dois "países"; a não aceitação da herança de uma guerra colonial e a pretensão de metamorfosear um estado inviável num estado real, lutando por sua independência contra uma "agressão externa", tudo isso condenou a guerra a um sacrifício inútil de vidas e recursos, desde o início.

Burchett escreveu vários livros sobre as diversas fases da guerra do Vietnã. Este último que começa com uma cronologia dos fatos principais de 20 de janeiro de 1961 a 14-20 de dezembro de 1976 e termina com um pequeno glossário de nomes e organizações envolvidas no conflito, trata, em síntese, dos últimos 55 dias da guerra e do colapso do Viet Nam do Sul. A primeira parte, baseada no relatório das operações do Vo Nguyen Giap e Tien Van Dung que idealizaram e realizaram a parte final das operações militares e relata

as razões técnicas da derrocada. Na segunda parte, num retrospecto que começa em 1967, explana e explica o porque desta derrocada inevitável. Como em todos os outros livros sobre o Viet Nam, relaciona as ocasiões perdidas, os compromissos possíveis que não mudariam o ideal final da unificação, mas que teriam tornado menos lento, menos sangrento e menos criminoso o processo. Em resumo, a guerra do Viet Nam, combatida como o foi, estava perdida desde o início — e não faltaram pessoas a perceber isso — mas a absorção da mitologia ideológica por parte dos próprios grupos que a criaram nela tinham interesse tornaram-na, — sem dúvida, uma das guerras mais inúteis e, por isso mesmo, sem justificativa e cruenta da história. A cronologia é resumida mas essencial, as duas partes do livro são claras e sua complementação bem apresentada, apenas o glossário deixando um pouco a desejar. Também não se pretende um livro “definitivo”, apenas a apresentação e o balanço do último capítulo de uma tragédia que durara longo demais.

Salvador, fevereiro de 1979

Emmanuel Ribeiro Guimarães

Bibliografia:

1. DEVILLERS, Philippe. **Histoire de Viet-Nam (1940-52)**. Paris, Du Sueil, 1952, 480p.

2. HALBERSTAM, David. **The best and the Brightest**. New York, Fawcett Crest Book, 1972. 831p.
3. **The Making of a Qagmire**. New York, Random House, 1965. 2. ed. 323p.
4. SAINTENY, Jean. **Histoire d'une paix manquée**. Paris, Amiot Dumont, 1953. 260p.
5. TOURNAIRE, Hélène. **Livre jaune du Viet-Nam**. Paris, Librairie Académique Perrin, 1966, 350p.

PEPETELA. **Mayombe** — Ed. União dos Escritores Angolanos, 1979-286p.

Pepetela é o nome literário de Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, vice-ministro da Educação de Angola. Mayombe talvez contenha suas recordações romanceadas de sua experiência de guerrilheiro na frente de Cabinda se é verdade que num romance um autor sempre se coloca, ainda que diluído, entre os seus personagens.

É um romance político, um romance pujante, de conflitos. Conflitos ideológicos, do dogmatismo contra o pragmatismo, do subjetivo frente ao objetivo. Sem Medo, o Comissário Político, Teoria, Mundo Novo, o Chefe das Operações, são personagens que ficam, cada um representante de sua verdade conflitante, retrato de um

momento determinado de sua evolução política ou existencial. Ondina, o amor-desafio, o amor-duelo, elemento de ligação e de discórdia entre os personagens, todos eles em luta, luta do homem contra o homem, do homem contra o meio, do homem contra si mesmo, dentro do Mayombe inconquistável.

Retrato de um momento da história de Angola, lutando pela independência, revela, sem dúvida, as possibilidades de seu Autor.

Emmanuel Guimarães

Encontro de Nações de Candomblé

**Conferências
de ialorixás
e babalorixás
da Bahia.**

**Reserve
seu
exemplar**

As Edições IANAMÁ estão lançando os anais do Encontro de Nações de Candomblé, em co-edição com o Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO) da Universidade Federal da Bahia. Tiragem limitada às reservas e permutas.

Garanta seu exemplar, enviando o cupom à Caixa Postal 1908 - CEP 40000 - Salvador, BA. O preço será de Cr\$ 3.500,00. Não mande dinheiro agora: você pagará ao receber o livro.

IANAMÁ

As EDIÇÕES IANAMÁ

Reservem _____ exemplar(es) dos anais do Encontro de Nações de Candomblé para:

NOME: _____

ENDEREÇO: _____

CEP: _____ CIDADE: _____ ESTADO: _____

ASSINATURA

PUBLICAÇÕES DO CENTRO DE ESTUDOS AFRO-ORIENTAIS

Série Estudos/Documentos

- A IMPORTÂNCIA ATUAL DO ATLÂNTICO SUL – **Waldir Freitas Oliveira** *(1961)
ORIGIN REVELATION AND DEATH OF A PRIMITIVE SCULPTOR – **Clarival do Prado Valladares** *
DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS DO HOMEM – **CARTA DA ORGANIZAÇÃO DA UNIDADE AFRICANA** *(1963)
USOS E COSTUMES ANGOLANOS – **Oscar Ribas** *(1964)
A CIVILIZAÇÃO ÁRABE – **A. S. Ayad** *(1965)
CULTURA E CIVILIZAÇÃO INDIANA – **Gertrud Emerson Sen** *(1968)
O FUMO DA BAHIA E O TRÁFICO DE ESCRAVOS DO GOLFO DE BENIN – **Pierre Verger** * (1969)
ASPECTOS DA LITERATURA NO MUNDO NEGRO – **Wilfried Feuser** *(1969)

Série Ensaios/Pesquisas

- UMA FESTA PÚBLICA DE CANDOMBLÉ – **Climério Joaquim Ferreira** *(1980)
ROTEIRO DE NINA RODRIGUES – **Lamartine Lima** *(1980)
MANUEL QUERINO O JORNALISTA E POLÍTICO – **Jorge Calmon** *(1980)
UM MELOTIPO IORUBÁ/NAGÔ PARA OS CÂNTICOS RELIGIOSOS DA DIÁSPORA NEGRA – **David Welch** *(1980)
PROCISSÕES E CARNAVAL NO BRASIL – **Pierre Verger** (1980)
SAMBA DE VIOLA E VIOLA DE SAMBA NO RECÔNCAVO BAIANO – **Ralph Waddey** (1980)
ÉDISON CARNEIRO E O FOLCLORE BAIANO – **José Calasans** *(1980)
ANÁLISE ANTROPOLÓGICA E CULTURAL DOS NOMES DAS FAMÍLIAS NA BAHIA – **Eliane. S. Azevedo** (1981)
NEGROS DA MINHA INFÂNCIA – **Mário Souto Marior** (1981)
A PRESENÇA CULTURAL NEGRO-AFRICANA NO BRASIL: MITO E REALIDADE – **Yeda A. Pessoa de Castro** (1981)
BREVE NOTÍCIA ACERCA DE UMA TABELA DE EX-ESCRAVOS NO ITAPICURU – **Consuelo Pondé de Sena** (1981)

Série Arte/Literatura

- POETAS BAIANO DA NEGRITUDE – **Hamilton de Jesus Vieira** (ed.) (1982)
CAPOEIRANDO – **Carlos Eduardo R. de Jesus** (ed.) (1982)
DA COR DA NOITE – **Nivalda Costa e Jaime Sodrê** (1983)

OUTRAS PUBLICAÇÕES

- URSA MAIOR – **Edison Carneiro** (1980)
TRÊS POETAS DA NEGRITUDE – **Ieda M. R. Santos & Eliane Bittencourt** (1981)
ATLAS HISTÓRICO E REGIONAL DO MUNDO ÁRABE/A HISTORICAL AND REGIONAL ATLAS OF THE ARABIC WORLD – **Rolf Reichert** (1969)

Mapas

- A NOVA ÁFRICA – 1965
A NOVA ÁSIA – 1966
ÁFRICA – 1972
ÁSIA E OCEANIA – 1972
ÁFRICA – 1982

Periódicos

- AFRO-ÁSIA
INFORMATIVO CEAO
BOLETIM BIBLIOGRÁFICO

* Esgotado